

## HÃO NOS DADO A LIBERDADE

Colmar Domingues  
Licenciado em Filosofia pela UFPel

“Ah, naquele tempo eu estremecia”, confessou-nos, rindo um riso próprio daquelas mulheres dali, do Sul, quando revelavam suas fraquezas. E continuou, como disse, “estremecendo, bastava pressentir aqueles passos” de infantaria, vindo, marchando firme e fundo, tilintando metais, carregando, parecia, “esta província nos ombros, que era assim que ele caminhava”, disse-nos. “E continuamos nos vendo”, acrescentou, que tinham olhos somente um para o outro, e o Capitão Egídio Crescêncio Centeno, o Maragato, adiantou-se a tudo e a todos e com sua determinação de tempestade, que sempre agia muito antes de julgar, “me pediu em casamento, e eu disse sim, aceito, que não tinha nada e nem condições para dizer que não aceitava. E nos casamos”. E se casaram na capelinha dali, de Passo das Pedras, no oratório da própria fazenda, com padre, retratista e muitos convidados, “e eu de véu, toda de branco, faceira, assim, iguais aos ricos. E foi aquele um lindo dia de sol”.

Depois, retirou o brilho intensamente vivo do olhar.

“E aqui, meus filhos”, fez um amplo gesto com a mão aberta em flor, “ficamos velhos”, disse-nos. Suspirou e tossiu.

Então, ergueu-se e nos levou para dentro de casa, que o sol de dezembro já se ia para trás da cordilheira e fez-nos sentar na sala de

visitas, aonde vimos três retratos antigos na parede (e um deles era o soturno general de Bagé), um lustre numa roda de carroça, os móveis de mogno e o cristaleiro com louças chinesas. Vimos também às poltronas revestidas de couro, sob as quais havia tapetes bordados, muito antigos. Ali nos sentamos. Ela sentou numa cadeira, bem na beiradinha, como se desconhecesse o prazer de estar bem sentada. Ainda vestia luto, magra, muito magra e imutável. Parecia estacionada em algum lugar onde o tempo não a atingia (talvez atingindo o próprio tempo), embora aquele modo de sentar, ereta, com as duas mãos postas sobre as pernas desse a impressão de que estava preste a sair correndo.

Resistia, mas também sucumbia àquela exigência das coisas de dentro de casa para estar nos seus devidos lugares.

Ali, na sala, na penumbra da tarde, manteve uma prosa necessária e difícil, falando de tudo e de nada. Depois, tornou a se erguer e nos convidou para cozinha. Através da janela aberta, indicou-nos a lua cheia de dezembro nascendo sobre o fio afiado das colinas. E aquilo foi um gesto breve e enigmático. Depois aqueceu e serviu-nos o jantar. Jantamos. Ela lavou a louça e a guardou no armário, comentando sobre coisas do cotidiano. Pôs água para ferver, passou um café, serviu uma xícara e se sentou perto da mesa com um cigarro aceso. Tinha voltado a ser muito humana e parecia feliz.

Vendo-a assim, sequer poderíamos acreditar que estivesse marcada esculpida fundo com marcas dos tempos cruéis. Aquela ali não era a mesma Dona Rita de Cássia Centeno, aquela de quem os do povo riam e compilavam no pergaminho fundo dos rumores e boatos os mais diversos e contraditórios boatos e rumores. Não! Dissemos. Não! Todavia, era. Era a mesma mulher que foi casada com o Capitão Egídio Crescêncio Centeno, o Maragato. Aquele homem bruto que, segundo os do povo, mal despontava a barra do dia, já se encontrava em pé, alvoroçando a casa inteira com seu andar de vendaval, irritado, praguejando contra as vacas de leite, açoitando de relho os cães, tossindo alto, dando chute em baldes, “tudo para que eu, meus filhos, saísse da cama, do quentinho da cama, para lhe cevar o mate e lhe servir o café com pão novo de forno. E eu cumpria!” revelou-nos. E contava mais. Que depois do café, bebido

em pé e às pressas, metia-se no campo, ele e o João da Cobras, seu capataz, numa pressa tal como se o mundo, sim, o mundo, devesse, inapelavelmente, ser concluído naquele dia. Retornava à noite, cheirando a vaca e suado e a fazia experimentar sua urgência numa espécie de luta corporal. Pois que nada fazia na vida que não representasse, de algum modo, uma carga de campo da cavalaria. E ela se submetia. E ela aceitava tudo aquilo, contavam. E ele, depois, retirava-se do quarto para dormir na sala, sobre uma cama de pelego, sozinho, com seus traumas, seus horrores, seus pesadelos e suas marcas de guerra.

Indiferente aos boatos, Dona Rita de Cássia Centeno aludiu “que o Crescêncio”, disse-nos, “dormia na sala porque desde a revolução não suportava choro de criança”, falou. “Isso foi quando a Ausência, nossa filha, nasceu”, disse-nos.

E isso ela parecia compreender.

Impiedosa, a língua do povo satirizava. Contavam nas rodas de fogo, e isso os homens, que uma noite o Capitão investiu no quarto, como sempre fazia, armado até aos dentes e a encontrou entrincheirada no cobertor. “Basta Capitão!” Teria lhe saído aos gritos. “Quer vir aqui, venha, mas não assim, como um boi invadindo o milharal”.

Talvez fossem apenas boatos.

Revelando certo temor, mas também vaidade, fez-nos entender que o marido era ciumento. “Não me deixava ir num vizinho. Era só trabalhar. Que a gente não sabia o que era um domingo nem dia santo, meus filhos”. E nos mirou fundo dentro de si nos nossos olhos. “Naquele tempo, a gente não tinha uma pessoa amiga”, acrescentou supliciada.

Os do povo sempre diziam que o olhar do Capitão era um dedo em riste, que bastava uma mirada que empregado e cachorro se iam pro seu lugar.

“Agora, o Crescêncio...”, disse e fez uma pausa para nos oferecer um mate. Agradecemos. “Eu não tomo mate à noite porque perco o sono”, falou, “depois fico horas rolando na cama”, inseriu.

“Agora, o Crescêncio” - e deve ter dito o falecido, pois à medida que a noite vinha e avançava nos pareceu incorporar-se em sentimentos. Antes, apresentou-se toda em seu ser, inatingível, na clausura retirada do mosteiro rural. Aos poucos ia, porém, se permitindo. “O Falecido...”, falou com todas as letras, enquanto trocava a erva da cuia. Cevou. Ficou aguardando calada a erva inchar. Depois tornou a despejar água até derramar pelas bordas da cuia. Ergueu-se mais uma vez e secou-as com um guardanapo bordado. “Presente da minha tia e madrinha, Horácia Maria Ribeiro”, disse. E serviu-nos o mate. E dentro daquela cuia enegrecida, mãe, naquela água espumante e amarga, bebia-se o sofrimento que borbulhava do fundo da sua alma.

“Foi em setembro”, disse-nos e depois remendou, “não, foi em novembro, no dia 13 de novembro”. E foi buscando devagarzinho as palavras que já estavam quaradas e secas para nos falar com didática. “O João das Cobras entrou aí no terreiro correndo a cavalo”, como somente se “procedia”, falou-nos, “por tragédia ou guerra” e lhe disse assim de golpe, “uma facada” - que a separou da realidade vivida e tingida - “que o patrão, dona, está caído ali”, indicou com a mão alvoroçada, “na picada do arroio, mal, muito mal”... E correu para levar uma condução.

- Já estava morto! Disse, adiantando a narrativa. E parece que somente agora conseguia expressar aquela palavra “morto” sem se emocionar.

“Fiquei sem fala”, inseriu. E largou tudo. “Tudo”, falou com força. Tudo, muitos anos de taciturno sofrimento calado, “de sacrifícios”, foram suas palavras, “Quantas águas me correram dos olhos”, que já não tinha mais alento nem para chorar. Mais adiante, apesar de sua confissão, parecia penitenciar-se por ter dado um grito interno, em um ato de rebeldia do corpo suplantando a estupidez da razão, “Graças a Deus”, teria se dito.

Agora parou de falar e pôs lenha no fogão. Depois encheu a chaleira com água e a depositou sobre a chapa. E tampou a boca do fogão. “Houve tempo” hesitou, “que lhe quis a morte”, disse. Pois, “lhe tinha uma raiva, um ódio”. Voltou. “Uma raiva”. Mas não confirmou e nem deu a entender que era por causa da negra Jaci e muito menos da comadre Elvira, que era quem acertava as vendas de

gado para o Capitão, em Passo das Pedras. Havia boatos que o Capitão Egídio Crescêncio Centeno... Não! Não, dona Rita sequer mencionou o assunto. Antes, pareceu-nos, mãe, que era porque ele não era o que poderia ter sido e não foi: o homem da sua vida.

Ergueu-se outra vez, inquieta, e fechou a janela. Colocou a tranca. Encostou a porta da cozinha. E serviu-nos mais um mate. Quando voltou sentar, estava mais calma. “E só me dei conta do mundo quando sepultamos o falecido”. (“sepultar” era a palavra dita aos entes queridos. Para os outros, era “enterrar”). “E durante todo velório”, confirmou, “fiquei vendo sempre a mesma imagem”, e aguardou que nos preparássemos para o seu mistério, “vi uma árvore sendo sacudida pelo vento da primavera”. Disse.

“Como vocês já sabem, meus filhos, vocês já sabem...” pareceu recuar. Que esteve ali muitos anos ao lado dele, “com ele”, e sempre teve uma lágrima lhe turvando o olhar. Nunca pudera, como podia, mãe, ver nada daquilo que via agora, naquele fim de tarde de começo de verão na Pampa, regressando para casa, na carroça, com o João das Cobras e a filha Ausência? “Agora estava claro”, disse.

- De repente, tudo aquilo estava morto, meus filhos! Falou trágica e dramatizou. E em tudo estava a mão do falecido.

Disse que viu os campos roçados. Tudo roçado e muito limpo. Os arames. Muitos arames. Viu o trilho estreito das tropas serpenteando colina acima, descambando e as tropas pastando calmas. Lá no fundo, ao norte, viu o mato protegendo o rio e deslumbrou suas águas escuras. A montanha adormecida e o sol que já ia se tingindo de sangue ao poente. Algumas nuvens de vento e uma aragem de vento balançando suavemente as acácias. “E eu quieta, calada”. E a carroça prosseguia pela estrada da várzea puxada por uma parelha de cavalos sem vontade, num tranco de cansados. “E eu quieta, calada”. Na lagoa aí da frente, pastando, estava o cavalo do falecido. E depois, o cusco, um brasino, que era seu mais fiel companheiro depois do João das Cobras, que era a sua sombra, “ficou deitado no oitão da casa e não se levantou para nos receber”. “Chegamos e ele nem sequer abanou uma orelha”, lembrou. “E eu fui vendo que não tinha onde me socar”, para se livrar daquela sensação de que tudo estava morto. Pois, como recordou, tudo antes tinha uma

vitalidade furiosa, uma flagrância atordoante, um desabrochar arrasador e um brilho ofuscante, “e agora...”, acrescentou, fazendo mais uma pausa para tirar uma panela de cima do fogão. “Eu nunca tinha visto o musgo esverdeado da quinha do galpão”, disse. E não recordamos como se expressou para nos dizer com suas palavras simples de mulher rural que as coisas estavam, pareciam, lhe questionando, indagando-lhe de forma acusativa: “estás livre?!”

Entrou em casa. À porta, vindo de dentro da casa, “encontrei o falecido”, disse, “estava com a alça do rebenque enfiada no pulso da mão direita”. E acreditamos, mãe, pois, à medida que a noite avançava, também ficávamos mais sensíveis. E ela disse que ele veio e passou adiante, sem se deter, sem olhá-la, e seguiu andando pela estrada, batendo displicente com a tala do rebenque no cano da bota, “mas ia calmo, muito calmo”. E ofereceu-nos mais um mate. “Muito calmo”, disse, retomando a palavra. E se foi pela trilha da várzea, rumo ao poente. Devolvendo-se para o mesmo poente que um dia o trouxera, quando tinham se findadas todas as guerras. E ficou impresso na areia fina das terras lavadas das chuvas de muitos anos e no duro chão socado por tanto trânsito de tropas, seus passos de saudade, que ora se despediam para sempre, sem tilintar de metais.

- Ficou tudo muito calmo. Tudo muito quieto! Disse.

“Se eu me sentia consolada”, indagou-se sem que a indagássemos. “Não sei”, disse, frágil. “Talvez, sim. Talvez não”. Falou. Depois, baixando muito a voz, disse algo que se parecia com uma repreensão ao falecido:

- Há muito tempo que ele não era mais meu - disse - e nem de ninguém, rimou.

“Na segunda-feira”, retomou a narrativa, havia acordado ao cantar dos primeiros galos. Lembrava-se que estavam cantando sem convicção, como se tivessem uns *nós* atravessados em suas gargantas. Calou-se. Depois inferiu com certo humor que “era terrível estar viúva na segunda-feira”. E naquela segunda tinha tido pesadelos terríveis, dos quais não guardava a menor lembrança. E imaginamos que isso não devia ser verdade. “Pesadelos, vocês sabem”, disse. “Quando acordei, os galos estavam cantando tristes”,

repetiu, “tudo estava como antes e eu me levantei” premedida pelo hábito de lhe cevar o mate e lhe servir o café com pão novo de forno. “Mas para quem?”, “Para quem?” Ali estava o fogão apagado com a chaleira de ferro em cima. Ali estava a cuia de mate com a erva mofada. O pacote de fumo e o isqueiro sobre o parapeito da janela. “Mas para quem?” Nada. Havia era o silêncio. E isso agora nós compreendíamos, mãe. Era impossível não compreender. “Estava tudo quieto”, disse, mas não ficou emocionada. “Não, ele não estava. Não estava”, disse e repetiu. Lembrava que tinha lavado o rosto e colocado a chaleira para aquecer. Abriu a porta dos fundos e não tinha nenhuma criação no terreiro. Tinha cerração e tudo estava muito quieto. “As coisas pareciam saber que ele tinha morrido”.

E ficou tomando mate sozinha.

“Estás livre?” Disse que as coisas pareciam lhe dizer. “Estás livre!”.

Fez-nos compreender que tinha necessidade de se vingar. “Pois aquilo era implicante”. E foi contando que buscou encontrá-lo, “vocês sabem, meus filhos”, encontrá-lo vivo em alguma coisa. Mas não encontrou em nada.

- Nem no vento - disse.

Cevou o mate. Aguardou, como sempre, a erva ficar no ponto, em pé parada na beira do fogão a lenha. Assim como sempre tinha feito. Fez-nos entender que estava buscando-o no sabor do mate. Parecia ser aquele seu último recurso. Sorveu um gole, mãe, não, não estava. O mate, inclusive, lembrou, trazia vivo e esperneante o ingrato sabor dos tempos amargos que ora se despediam. Insistiu. No saibo da erva - e às vezes do fumo - impregnado na bomba de prata, encontrava sempre a recordação do primeiro toque de lábios, em remotos idos tempos da juventude, em que o capitão Egídio Crescêncio Centeno se dera uma trégua. Mas não estava.

Insinuou que, de alguma maneira, tinha apreendido a viver naquela posição de rebeldia calada.

Na segunda cuia já estava completamente ausente. Na terceira, não suportou mais. Derrotada, caiu sentada na cadeira, “nesta cadeira

aí”, a cadeira do falecido. Depois, havia apumado o corpo e sentado do jeito que o Capitão Egidio Crescêncio Centeno sentava, com um pé sobre um toco de madeira, a mão direita apoiada na ilharga e o olhar perdido através da janela.

E aí, sim, mãe. Encontrou-o! Estava ali, dentro do seu próprio peito. Ouviu as batidas. Ouviu o ritmo claro e forte das batidas. Passos de palpitações. E era isso. Elas reproduziam com perfeição assombrosa os passos do Capitão Egídio Crescêncio Centeno, o Maragato. E ele marchava decidido. Seus passos soavam cada vez mais fortes, mais perto, dentro dela, vindo. E veio para fora, de dentro do seu corpo, do seu peito. E a tomou pela mão e a arrastou para trás, para o passado, pisando firme sobre o amparo dos anos, como se descesse uma escada, dez, quinze, vinte anos, e foi lá, num dia cinza de maio, e lhe apontou para que ela visse como eram aqueles campos antes dele, e como ele os roçou e os alambrou, e como e de que forma e com que sentimento esculpiu cada coisa que agora ali estava, as mangueiras de madeira de lei, puro cerne, os galpões sempre com farturas de trigo, feijão e milho, o pomar, que tudo dava, da boa e necessária fruta, o terreiro limpo que era uma tábua, o jardim, a casa, toda mobiliado com mobília eterna, louça eterna. E a comida, a comida, senhora Ritinha, que “nunca nos faltou nada, graças a Deus”, e “olha a nossa filha Ausência”, “que rara beleza”, e as minhas mãos rudes e cheias de calos; e o meu rosto sulcado de rugas e este cabelo prateado se raleando, que era negro como... “Veja tudo como era antes, e veja tudo como está agora, estas vacas e estas ovelhas! Tá! Viu! Veja novamente! E amarrou ali um fio de arame, como sempre, e retornou no seu sangue com ela arrastada pela mão, mãe, e veio, até o emborcar deste último mate, onde atou a outra ponta. “E aí, meus filhos...” E ela pode se contemplar todos os dias da sua vida agora suspensos naquele fio, como roupas quarando no varal. E nos entalhou e esculpiu a certeza de que sofrera a bordoadada de uma releitura da vida.

- Vivi aqueles vinte anos mal vividos, meus filhos - foram suas palavras - mas vivi!

Disse que então, pela primeira vez, chorou um copioso e verdadeiro pranto.



- De fato, eu estava livre, mas... Disse.

Hoje, mãe, pensando aqui conosco, cremos que o que ela desejava nos contar, por certo, vinha depois daquele “mas”. Mas não contou.

Em 27 de julho de 1994 a 14 de outubro de 2004.